

# O País cresce. Mas isto pode virar pesadelo.

A economia brasileira está correndo o risco de chegar a uma situação explosiva, até o final do ano, se alguma coisa não for feita para conter o consumo. A série de indicadores positivos que vem sendo divulgada por vários órgãos, como crescimento do nível de emprego, da atividade da indústria, das vendas do comércio e das exportações, poderá provocar uma crise de abastecimento, pois a procura tenderá a ser superior à capacidade de produção da indústria. Esta análise vem sendo feita por empresários de São Paulo e consultores de empresas. A conclusão é que o otimismo que chegou a tomar conta do governo por algumas semanas poderá virar pesadelo. E com inflação ainda mais alta.

## "Manequim 56"

"A situação da economia é semelhante a de um manequim 56 que é obrigado a se ajeitar num terno 50 e ficar na expectativa para ver até quando a roupa agüenta." A comparação é de Márcio Orlandi, um dos diretores da empresa de consultoria econômica Arthur Andersen.

As inúmeras intervenções do governo na economia, diz ele, na tentativa de conter a inflação acabaram represando diversos fatores, cuja liberação está provocando um verdadeiro **boom**. Entre esses fatores, está a desvalorização do cruzado em relação ao dólar, ativando as exportações, a liberação dos preços, a liquidez motivada pelo aumento da massa salarial, da redução dos depósitos da poupança e do dinheiro vindo da agricultura.

Até certo ponto, diz Orlandi, é natural que a economia esteja reagindo, pois este é o período em que fatores sazonais pressionam para cima. O problema, segundo o consultor, é que quando existe uma "excitação de consumo", como agora, o planejamento econômico das empresas se desorganiza. Além disso, a indústria está trabalhando quase no limite de sua ca-

pacidade. Orlandi prevê que se as coisas continuarem no mesmo ritmo, sem que as empresas aumentem os investimentos no setor produtivo e o governo faça aplicações em infra-estrutura de apoio, em breve a economia entrará num processo recessivo forçado.

## Os números do IBGE

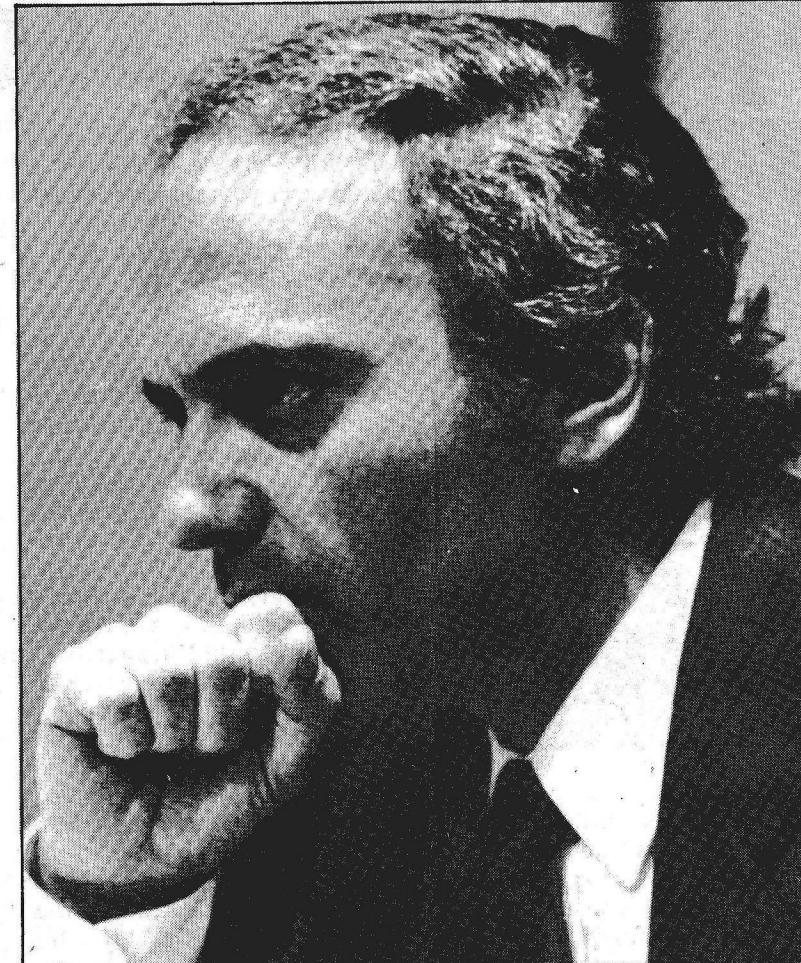
O diretor da Arthur Andersen chama a atenção ainda para um outro aspecto. É possível que os indicadores divulgados até o momento não tenham levado em consideração o desempenho da economia informal. Esse setor, diz ele, é muito forte e também pressiona muito a economia. A participação desse segmento no PIB, segundo ele, deve estar em cerca de 30%, embora o IBGE só admita 13%.

Ontem, o IBGE divulgou, em São Paulo, o desempenho regional da indústria, em julho deste ano sobre o mesmo período de 1988 sem mencionar a economia informal. O maior crescimento foi apresentado pela indústria de Santa Catarina, com 10%. A segunda posição é de São Paulo, com 7,1%, seguida pelo Rio Grande do Sul, onde a indústria cresceu 6,5% e o Rio de Janeiro, 6,1%. A indústria de Minas Gerais e de Pernambuco também tiveram desempenho positivo, enquanto a Bahia e o Paraná apresentaram taxas negativas.

De janeiro a julho, o melhor resultado foi o do Paraná (1,7%), seguido pelo Rio de Janeiro com 0,9%, mesmo percentual do Rio Grande do Sul. Os demais resultados são todos negativos, inclusive São Paulo, onde a indústria apresentou uma queda, no período, de 2%, junto com Pernambuco. De 1981 até julho passado, a indústria paulista cresceu 8,3%, um pouco mais que a metade do incremento a nível nacional (16,1%).

## O Lado Real

Todos estes números, além de outros indicadores já divulgados



Orlandi: consumo é excessivo.

dos, segundo o economista Andréa Calabi, ex-titular da Secretaria do Tesouro, demonstraram que "o lado real da economia se movimenta". Para Calabi, o que deve preocupar é o que chama de "crise no curto prazo", que compreende a inflação alta e o desajuste fiscal do governo. A economia brasileira, segundo o economista, "tem esta idiosyncrasia do crescimento. O lastro que sustenta nossa economia é mais forte do que a possibilidade de crise". Calabi concorda que, de fato, o nível de investimento é baixo, mas tende a aumentar, inclusive por causa do clima de euforia. E não crê que exista excesso de dinheiro na economia, pois entende que as taxas de juros do **overnight** funcionam como enxugamento da liquidez.

De acordo com dados da

Associação das Empresas de Crédito, Financiamento e Investimentos (Acrefi), os saques das cadernetas de poupança vêm apresentando um comportamento "equilibrado", embora superiores aos depósitos. Em junho, os poupançeiros retiraram NCz\$ 1,181 bilhão a mais do que depositaram, contra NCz\$ 939,4 milhões em julho e NCz\$ 887,8 milhões em agosto. Não há dúvida, segundo Carlos Ximenes, diretor de Investimentos do Banco Crefisul, de que os investidores de caderneta vêm utilizando o dinheiro como complementação salarial. Mas só os pequenos. Os grandes poupançeiros, diz ele, continuam firmes no **overnight**, onde rola uma quantia de cerca de US\$ 50 bilhões (quase NCz\$ 250 bilhões).

Maroni J. da Silva